



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**Rogério Nunes da Silva**

**PRA FRENTE BRASIL, SALVE A SELEÇÃO:  
o Brasil e os discursos em torno da Copa do Mundo de 1970.**

PICOS – PIAUÍ  
2015

ROGÉRIO NUNES DA SILVA

**“PRA FRENTE BRASIL, SALVE A SELEÇÃO”:  
o Brasil e os discursos em torno da Copa do Mundo de 1970**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal do  
Piauí, como requisito parcial para a obtenção  
do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. Fábio Leonardo  
Castelo Branco Brito.

## FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

**S5861f** Silva, Rogério Nunes da.  
Pra frente Brasil, salve a seleção: o Brasil e os discursos em  
torno da Copa do Mundo de 1970/ Rogério Nunes da Silva. –  
2015.

CD-ROM: il.; 4 ¾ pol. ( 50f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade  
Federal do Piauí, Picos, 2015.

Orientador: Prof. Mr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito.

1. Futebol-Copa de 1970 2. Seleção Brasileira de  
futebol- 1970. 3. Futebol-Política-Brasil. I. Título.

**CDD 900**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao dia 09 (nove) do mês de Janeiro de 2015, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **ROGÉRIO NUNES DA SILVA**, sob o título ***PRA FRENTE BRASIL, SALVE A SELEÇÃO: O BRASIL E OS DISCURSOS EM TORNO DA COPA DO MUNDO DE 1970.***

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: PROF. ME. FÁBIO LEONARDO CASTELO BRANCO BRITO  
Examinador 1: PROF. DR. FRANCISCO DE ASSIS DE SOUSA NASCIMENTO  
Examinador 2: PROFª ES. MAYRA IZAURA DE MOURA  
Suplente: PROFª DRª NILSÂNGELA CARDOSO LIMA

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,5.

Picos (PI), 09 de Janeiro de 2015.

Orientador (a): Fábio Leonardo Castelo Branco Brito  
Examinador (a) 1: Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Examinador (a) 2: Nilsângela Cardoso Lima

## **AGRADECIMENTOS**

Durante todo o momento de pesquisa e estudos nesses últimos dois anos que estive na UFPI, algumas pessoas me ajudaram de diversas formas. Umas me indicavam por qual caminho ir e como chegar até as fontes necessárias para que pudesse finalizar meu estudo sobre este trabalho, outras pessoas caminharam ao meu lado nesse período.

Aos meus companheiros de turma, amigos e, principalmente, minha família, que soube da minha vontade e de todo o meu esforço para que essa etapa fosse finalizada.

O empenho e o carinho que o Mestre Fábio Leonardo Brito teve, também são dignos de agradecimento. Sempre disponível, atencioso e cuidadoso, para que algo não saísse errado. Indicando leituras, mostrando o melhor caminho e dando sugestões pontuais.

A todas as pessoas que contribuíram para realização deste estudo, mesmo que de forma mínima, só tenho agradecimento e gratidão.

## RESUMO

Este trabalho procura estudar historicamente as produções discursivas que articularam o futebol e o momento político do Brasil, durante o regime civil-militar, especificamente durante o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici. Tomando a Copa de 1970, bem como outros eventos esportivos de menor porte, como acontecimentos que foram discursivamente apropriados pelo governo da época, sob a forma de imagens, slogans e outros instrumentos, esse texto se propõe a analisar de que forma estes se transformaram, através dos discursos midiáticos de diversas naturezas, em dispositivos que visavam produzir um sentimento ufanista no Brasil. Em termos teóricos e metodológicos, o trabalho encontra-se embasado nos estudos de Michel Foucault a respeito das práticas discursivas.

**Palavras-chave:** História. Ditadura civil-militar. Copa de 1970. Discursos.

## **ABSTRACT**

This work aims to study the historically discursive productions that articulated the football and the political situation of Brazil, during the civil-military regime, specifically during the government of President Emilio Garrastazu Médici. Taking the World Cup in 1970 as well as other smaller sporting events such as events that have been discursively appropriate by the government of the time, in the form of images, slogans and other instruments, this text aims to analyze how these have become, through the media discourses of various kinds, on devices aimed at producing a vainglorious feeling in Brazil. In theoretical and methodological terms, the work has been based on studies of Michel Foucault about the discursive practices.

**Keywords:** History. Civil-military dictatorship. Cup 1970. Speeches.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	8
CAPÍTULO 1: Canarinho e pau-de-arara: o Brasil e as condições de existir na Ditadura Civil-Militar _____	12
CAPÍTULO 2: Noventa milhões em ação: a Copa de 1970 entre textos e imagens _____	25
CAPÍTULO 3: O poder e a bola: política e futebol em perspectiva _____	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS: _____	47
REFERÊNCIAS: _____	48

## INTRODUÇÃO

Todo tema histórico tem uma relevância social, visto que, assim como nos aponta Albuquerque Júnior, a história teria como função, “nos libertar do descontínuo em nós mesmos, construindo uma nova temporalidade para nós mesmos, que não tem a obrigação de ser a continuidade do tempo anterior, desse tempo que nos fez, que nos produziu, que nos fez chegar até onde somos”<sup>1</sup>. Nesse sentido, ao considerarmos que tudo é histórico<sup>2</sup> cada tema possui sua importância em particular, expressa de acordo com as condições históricas nas quais está inserido. Estudar qualquer fato histórico trás uma importância significativa, desde um acontecimento na cidade em que vivemos, Picos, até um fato de proporção mundial.

Estudar acontecimentos e períodos históricos, com pouca relevância ou não, é um modo de divulgar a sua importância, importância cultural, científica, econômica ou social. Por outro lado, existe também a relevância científica: a ciência histórica, como as demais, se transforma, em cada etapa, redefine os objetivos, conceitos, prioridades e possibilidades. É evidente que isto deve ser levado em conta quando se selecionar um tema a pesquisar.

Levando isso em conta, muitos estudam a época da ditadura. O período localizado entre os anos de 1964 e 1985, politicamente marcado por comportar a ditadura civil-militar<sup>3</sup>, apontam para um rico campo de possibilidades de estudo, uma vez que contempla várias matrizes de reflexão, que vão desde as questões de cunho político-partidário, passando pelas movimentações de arte e cultura, as questões de gênero e as práticas esportivas. Tomando essa perspectiva, me proponho a analisar o uso do futebol como propaganda durante o governo de Médici.

Desde sua chegada ao Brasil, em meados do século XIX, o futebol aparece como um esporte de grande sociabilidade, o que vai se confirmando com o passar

---

<sup>1</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Para que serve a história?** Recife: Mimeo. Palestra proferida em Curso de Pós-graduação da UFPE em 23.01.2001.

<sup>2</sup> VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história.** Brasília: UnB, 2008.

<sup>3</sup> A expressão *ditadura civil-militar* é tomada nesse trabalho na perspectiva levantada pelo historiador Daniel Aarão Reis Filho, em cujos trabalhos é colocada em evidência a participação de uma ampla parcela da sociedade civil na afirmação do golpe de Estado de 1964 e na sua legitimação enquanto regime político no Brasil. Ver: REIS FILHO, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira de. **Imagens da Revolução.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985; REIS FILHO, Daniel Aarão. **O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois.** São Paulo: Edusc, 2004; \_\_\_\_\_. “O sol sem peneira”. **Revista de História.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, agosto de 2012.

doas anos. Em tempos de Copa do Mundo, essa paixão aumenta, de maneira que o futebol ganha estatuto de tema central dos debates. As ruas são enfeitadas com as cores da seleção brasileira e um patriotismo, embora forjado pelas condições momentâneas, é vivamente percebido. Em tempos de Copa do Mundo, a maioria da população brasileira vive uma época em que ser, de fato, brasileiro, se comportando de forma patriota e externando o amor pela pátria. Durante uma Copa do Mundo, os brasileiros esquecem os problemas vividos pelo Brasil.

Durante o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1975), o futebol foi utilizado como propaganda de seu governo ditatorial. 'As teorias conspiratórias afirmam que o General Médici era apaixonado pelo futebol, e sabia do poder de persuasão e barganha que o esporte tinha.'<sup>4</sup> Alguns jornais da época chegaram a publicar sua atuação incisiva em alguns episódios, tais como uma possível imposição na demissão do técnico João Saldanha da Seleção Brasileira.

Mas por qual motivo Médici via na seleção brasileira uma propaganda de seu governo? Essa é uma das perguntas que pretendemos responder durante a pesquisa. Estaria a "boa fase" econômica do Brasil na época (que vivia um suposto "milagre econômico") relacionada ao sucesso da Seleção Brasileira de Futebol, que acabara de ser campeã mundial? Em torno de que práticas discursivas foram construídos regimes de verdade em torno do *ser brasileiro* nesse momento histórico?

Estudar essa relação entre futebol e poder se apresenta como o diferencial dessa pesquisa, em termos de sua relevância acadêmica. O trabalho que se visa desenvolver também é socialmente relevante, na medida em que se constitui como uma pesquisa que busca, também, problematizar o futebol como elemento de unidade e identidade brasileira.

A curiosidade desperta várias coisas e delas é um interesse em saber o motivo pelo qual ocorreu o fato. O governo brasileiro procurou, largamente, explorar o arsenal imagético-discursivo como maneiras de legitimar e unificar os ideais de Brasil e de *ser brasileiro*. Mas qual o motivo dele fazer isso com o futebol? Em torno desse problema de ordem histórica, algumas possibilidades de análise foram lançadas, possibilidades estas visitadas através de fontes capturadas de veículos de imprensa do período em questão.

---

<sup>4</sup> CANEZIN, M. O. V. **Geografia e esporte**: o futebol como agente modelador do espaço. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014, Espírito Santo.

Apontar o futebol como um instrumento discursivo que visava construir-se enquanto verdade para a população brasileira durante o governo Médici será o ponto central desta pesquisa. Nesse sentido, o principal objetivo desta pesquisa é analisar a formação dos discursos que estavam em torno da Copa do Mundo de 1970 e também as relações desses discursos com a política do regime civil-militar brasileiro da época.

Identificar as consequências desses discursos na população brasileira da época. Apontar os principais discursos usados em torno da Copa do Mundo de 1970. Ver por quais motivos esses discursos foram criados e como esses mesmos discursos foram usados. Michel Foucault em seu livro, *A ordem do discurso*<sup>5</sup>, mostra diversos discursos usados. Ele aponta uma multiplicidade de maneiras com as quais um discurso pode ser usado e interpretado. Nesta pesquisa, usarei os postulados de Foucault em relação aos discursos como forma de compreender de qual maneira certos discursos se estabeleceram como “vontades de verdade” no Brasil durante os anos de 1969 até 1974.

Nesse livro, ponto central da discussão teórica na qual o trabalho está embasado, Foucault desenvolve sua análise, na qual indica que o discurso de verdade pode ser realizado por “um sistema institucional que as impõe e reconduzem; enfim, que não se exercem sem pressão, nem sem ao menos uma parte de violência.”<sup>6</sup>. No caso desse trabalho, esse sistema institucional que direciona as verdades na pesquisa será o governo do então presidente Médici.

Seguindo esse pensamento de Foucault, vejo que o governo Médici era capaz de separar aquilo que era verdadeiro e falso, ou seja, o governo mostrava o que era verdadeiro e falso para a população brasileira da época. A verdade dita no Brasil era a verdade do governo civil-militar da época, ou seja, os discursos falados por esse governo eram os discursos verdadeiros mostrados para a população da época. O governo, dessa maneira, mostrava o verdadeiro e falso por meios arbitrários. Foucault analisa o discurso de “vontade de verdade” tende a exercer uma pressão sobre os outros tipos de discurso e ainda faz um comentário final:

Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os

---

<sup>5</sup> Livro que reproduz a aula inaugural ministrada por Michel Foucault ao assumir a cátedra vacante no Collège de France em 2 de Dezembro de 1970.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

outros discursos – estou falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção.<sup>7</sup>

Por meio de artigos, resenhas, livros, documentários, entrevistas em revistas e canais de televisão, bem como do uso de acervos digitais, pretendemos atingir os objetivos da pesquisa. Através de leituras que retratam o assunto irei responder as perguntas para que a pesquisa tenha uma importância social.

A análise dos discursos sobre a Copa do Mundo de Futebol, no México, em 1970, feito pela imprensa da época, será um método a ser utilizado nesta pesquisa. Pois através de um discurso que o homem transforma e, até mesmo, constrói uma sociedade humana. Segundo Foucault o discurso é definido como um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva. Nesse sentido, as práticas discursivas serão pensadas como instrumentos de produção de sentidos no cotidiano brasileiro, tal como aponta Mary Jane Spink e Benedito Medrado.<sup>8</sup> Também irei usar como metodologia os discursos expostos em imagens, frases e nas músicas da época.

Minha pesquisa se dedica a mostrar que Médici apoiou-se na Seleção Brasileira e na sua conquista da Copa do Mundo no México para fomentar a ideologia de um Estado nacional-desenvolvimentista. E o caso da Copa de 1970 pode ser o melhor período para estudar como essa relação entre o governo e o futebol aconteceu e suas consequências. Para atender aos objetivos do estudo, dividiremos o trabalho em três capítulos. No primeiro, serão analisadas as condições de existência presentes no Brasil quando da emergência do regime civil-militar e dos primeiros anos do referido regime, a partir do qual aparecerão uma série de discursos que buscaram enfatizar o ufanismo nacional. No segundo capítulo, a Copa do Mundo de 1970 será focada com o objetivo de se perceber de que maneira esta foi veiculada pelos meios de comunicação, através de um amplo conjunto de textos e imagens. Por fim, no terceiro capítulo, o trabalho se centrará em uma série de usos que o regime civil-militar fazia do futebol, como forma de atrelar o esporte aos seus interesses político-partidários.

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

<sup>8</sup> SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

## Capítulo 1 – Canarinho e pau-de-arara: o Brasil e as condições de existir na Ditadura Civil-Militar

O século XX foi marcado por mudanças extremas em grande parte do mundo. Considerado “era dos extremos”<sup>9</sup>, o nominado breve século XX seria considerado um período marcado por revoluções e guerras, ocorrendo mudanças no cenário político mundial. No Brasil não foi diferente: uma ampla gama de acontecimentos que provocavam um desarranjo nas estruturas de poder e no cotidiano social do país. Nesse sentido, cabem vislumbrar uma amplitude de condições de existir presentes no período, que envolviam diferentes segmentos sociais e formas de se relacionar com a realidade externa, notadamente os acontecimentos de ordem político-partidária.<sup>10</sup> Nesse sentido, o cenário político brasileiro viveu uma era de transformações durante este século, transformações importantes que mudaram e marcaram a história do Brasil. E um fato político que causaria impacto profundo nas relações entre a política e diversos setores da sociedade aconteceu no ano de 1964: o golpe civil-militar.

O ano de 1964 é marcado na história do Brasil por diversas manifestações, nas principais cidades do país, contra o Presidente João Goulart e em favor ao golpe, golpe este que derrubou um regime democrático. O golpe tinha caráter revolucionário, autoritário e patriota, que também adotava diretrizes desenvolvimentistas e de oposição ao socialismo.

Possuindo apoio de diversas parcelas da sociedade civil brasileira, o golpe seria apoiado em diversas manifestações, que ocorreriam nas principais cidades do país em seu apoio, com a participação de milhares de pessoas externando seu apoio de forma espontânea. O medo de ver o Brasil se tornar um país comunista funcionou como um dispositivo discursivo que, nesse momento histórico, mobilizou um notável conjunto de brasileiros, que foram até as ruas, reivindicando que a Constituição fosse seguida e que a “democracia” permanecesse no país. Essas manifestações foram registradas por diversos jornais da época, estampando em suas páginas todo o clamor popular por uma intervenção militar para combater as

---

<sup>9</sup> HOBBSAWN, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

<sup>10</sup> ALMEIDA, M. H. T. de; WEIS, L. Carro-Zero e Pau-de-Arara: o Cotidiano da Oposição de Classe Média ao Regime Militar In: SCHWARCZ, Lilia Moritz.(Org.). **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

políticas comunistas do então Presidente da República João Goulart. O golpe teve um caráter civil devido ao apoio da grande maioria da população.

Das diversas manifestações que ocorreram no país em apoio ao golpe, aquela que se observava na cidade de São Paulo reuniu milhares de pessoas que marcharam nas principais ruas e avenidas da capital paulista no dia 20 de março do ano de 1964. E no fim da marcha o Senador Pe. Calazans discursou para a enorme massa de meio milhão de pessoas. O Senador fez um discurso que agradou aos manifestantes que ali estavam e com perfil democrático que na verdade foi realizado para conquistar mais apoiadores ao golpe:

Aqui estão mais de 500 mil pessoas para dizer ao presidente da república que o Brasil quer a democracia e não o tiranismo [...] aqui estamos sem tanques de guerra, sem metralhadoras. Estamos com a nossa alma e com a nossa arma, a Constituição.<sup>11</sup>

Ante o medo de que o Brasil se tornasse um país comunista, é possível compreender que, a partir de 1964, o país inseria-se num regime político de exceção, “um projeto repressivo global, fundamentado na perspectiva da ‘utopia autoritária’, segundo a qual seria possível eliminar o comunismo, a ‘subversão’, a corrupção etc. que impediriam a caminhada do Brasil rumo ao seu destino de ‘país do futuro’.”<sup>12</sup> No entanto, não foram apenas atitudes que marcaram esse período da história brasileira: uma ampla gama de discursos ufanistas funcionou como *dispositivos*<sup>13</sup> que intentavam disciplinar a grande maioria da população brasileira ao longo do período que o regime estava instalado no país, constituindo-se em desejos de implantar uma vontade de verdade a respeito do novo regime implantado no país.

A exemplo disso, no dia 31 de março de 1964, uma marcha militar liderada pelo General Olímpio Mourão Filho, apoiado pelo General Luís Carlos Guedes, marchava rumo à Guanabara. O objetivo desta marcha era entrar no Estado da Guanabara e tomar o Ministério da Guerra, essa operação que desestabilizaria o governo do então presidente Goulart. Mas o Ministro da Guerra, Jair Dantas Ribeiro, tratou de

---

<sup>11</sup> SÃO Paulo para em defesa do regime e da Constituição. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 de março de 1964. Pág. 8.

<sup>12</sup> FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 24 – 2004.

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**. I. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

comunicar aos comandantes do I, II, III e IV Exércitos ‘que ordem seria mantida a qualquer preço’.<sup>14</sup> O autor Jorge Ferreira relata bem esta marcha, colocando que:

Da cidade mineira de Juiz de Fora, o comandante da 4ª Região Militar, General Olímpio Mourão Filho, com apoio do General Luís Carlos Guedes, comandante do IV Regimento Divisionário, sediado em Belo Horizonte, liderava um comboio militar, formado por recrutas, que marchava para a Guanabara. A tropa começou a se deslocar nas primeiras horas do dia 31 de março.<sup>15</sup>

Mesmo com a marcha rumando à Guanabara, ainda segundo Ferreira, o plano para derrubar o Presidente Goulart parecia não ser bem articulado, pois não haveria um líder que polarizasse o movimento e a solução foi encontrada quando o General Castello Branco assume a liderança do movimento. Segundo o autor, o presidente não tinha conhecimento da existência da marcha militar e, ao ser informado, procura desestabilizá-la. No entanto, ao tomar conhecimento do apoio dos norte-americanos para os militares insurgentes<sup>16</sup>, João Goulart volta atrás com a decisão e vai buscar outra solução. A solução foi enviar três tropas de guarnições que ainda obedeciam as suas ordens para barrar a marcha e conseguir o rendimento de Mourão, tropas tinham o dever de guardar as ruas que davam acesso ao Palácio da Guanabara e o próprio Palácio:

O presidente sabia que os recrutas comandados pelo general Mourão não tinham a menor chance diante de três tropas profissionalizadas. Para ele, o movimento golpista acabaria ali mesmo, se possível com a rendição de Mourão.<sup>17</sup>

O autor Jorge Ferreira relata em seu livro, *O golpe civil e militar: o movimento em marcha*, que o golpe foi algo idealizado pelos brasileiros, militares e civis, com papel mais relevante para os militares e com o apoio dos norte-americanos, que só iam intervir militarmente se caso fosse necessário. Ainda segundo Ferreira, o governo de João Goulart demonstrava características de esquerda. Em sua atuação

---

<sup>14</sup> TROPAS de Minas em movimentação; Jair que ordem. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 de abril de 1964. Pág. 06.

<sup>15</sup> FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>16</sup> FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 24 – 2004.

<sup>17</sup> FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

federal, este presidente pretendia fazer reformas de bases e, principalmente, a reforma agrária. Baseados nessas questões, os Militares, com apoio da classe média, as elites agrárias, os industriais e dos Estados Unidos, voltaram contra o Governo e abriram caminho para o Golpe<sup>18</sup>. Com uma oposição forte, Goulart foi aconselhado a aceitar as exigências propostas pelos militares. “Os militares denunciavam que políticos, organizações sindicais e os comunistas criavam uma grande intranquilidade no país, com ameaças de greves e ultimatos ao Congresso Nacional.”<sup>19</sup>

Segundo os relatos presentes na historiografia a respeito do momento, o presidente se recusou a atender as exigências militares. No entanto, pediu para as lideranças sindicais não entrarem em greve, pedido não atendido pelas mesmas. E uma greve geral foi iniciada, sem repercussão no país. A falta de repercussão da greve se deve a repressão policial e poucas categorias entrando em greve, com isso poucas manifestações aconteceram pelo país no dia 31 de março. O presidente Goulart foi aconselhado também a afastar-se dos supostos “comunistas” e ordenar por meio de um decreto que organizações de esquerda estavam na ilegalidade. O que Goulart dizia para negar tais exigências era que seus apoiadores não poderiam ser abandonados. Goulart queria dialogar com os militares, pois, naquele momento, uma guerra civil corria o risco de acontecer. Goulart queria convencer o militares de recuar com a ideia de realizar o golpe, devido à tensão de uma guerra civil acontecer. Se tais exigências fossem aceitas por Goulart, seria um presidente com poderes diminuídos e controlado pelas Forças Armadas e sem poder prático para realizar suas reformas. Com essa negação de Goulart, varias forças militares, de todo o país, se juntaram ao golpe e a derrota de Goulart ficou mais evidente.<sup>20</sup>

Com isso, Goulart perde a capacidade de exercer sua autoridade e no dia 1º de abril, o governo de Goulart estaria sitiado e sua situação no poder ficava insustentável. Nessa mesma data, apoiadores de Goulart sugeriram que o presidente saísse da Guanabara, pois não haveria mais segurança para ele. Um grande apoiador de Goulart durante esse momento era Brizola, ele sugeriu que

---

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Marylu Alves de. **A cruzada antivermelha – democracia, Deus e terra contra a força comunista**: representações, apropriações e práticas anticomunistas no Piauí da década de 1960. 2008. 274f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

<sup>19</sup> FERREIRA, Jorge. **1964**: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>20</sup> Idem.

Goulart fosse para Porto Alegre. Mas antes de partir para a capital gaúcha, o presidente seguiu para Brasília. Sua ida para Brasília foi considerada com uma renúncia ao cargo de presidente. Com tal notícia, o líder de um dos grupos conspiradores, o general Arthur da Costa e Silva se autoneomou ministro da Guerra e chefe maior da revolução.

Com tudo isso ocorrendo, Goulart chegava a Brasília. Contando apenas com o apoio político e militar no Rio Grande do Sul, Goulart não demorou muito em Brasília e partiu logo em seguida para o estado gaúcho. Durante o voo de Goulart para o Rio Grande do Sul, o presidente do Senado, Auro Andrade, declarou vacância da presidência e, às 2 horas da manhã, o presidente do Senado convocou Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara dos Deputados para assumir a presidência. No entanto, o presidente ainda se encontrava em território nacional e não havia abdicado do cargo de presidente, assim, não poderia haver estado de vacância. Dia 2 de abril de 1964, Goulart renunciava e os líderes do golpe comemoravam a vitória.

Os militares prometeram à população em geral que a democracia e Constituição de 1946 seriam preservadas e que um novo presidente seria eleito no mais tardar até 1966, ou seja, a promessa do golpe era a de uma breve intervenção, mas a promessa não ocorreu, pois o regime durou 21 anos. Além do mais, o regime colocou em prática vários Atos Institucionais, substituiu a Constituição de 1946 pela Constituição de 1967, dissolveram do Congresso Nacional e entre outras medidas de censura.

Mesmo sem a renúncia de Goulart, o Congresso Nacional dava legitimação ao golpe de Estado e os Estados Unidos reconhecia o no governo do presidente Ranieri Mazzilli. No Rio Grande do Sul, Goulart era aconselhado a formar uma resistência ao golpe, mesmo sem força militar para resistir. Goulart não aceitaria tal conselho e, no dia 2 de abril de 1964, Auro Soares de Moura Andrade, presidente do Congresso Nacional, declarou Presidente da República o Ranieri Mazzilli, até então Presidente da Câmara Federal.<sup>21</sup>

Com esse ato, inicia-se a ditadura civil-militar, regime que se encerraria apenas em 1985, 21 anos após o golpe, e que teve mais seis Presidentes da República. Esses 21 anos foram marcados por acontecimentos próprios de regimes de exceção, tais como censura, supressão de direitos constitucionais, perseguição

---

<sup>21</sup> CONGRESSO declara presidência vaga: Mazzilli assume. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 de abril de 1964. Pág. 01

política e repressão aos que era contra o regime. A censura apareceria como das principais armas usadas durante e pelo regime, pois o governo queria passar uma imagem saudável de um país estava infectado pela política militar. Nesse sentido, segundo o autor Carlos Fico:

Não houve uma censura durante o regime militar, mas duas. A censura da imprensa distinguia-se muito da censura de diversões públicas. A primeira era “revolucionária”, ou seja, não regulamentada por normas ostensivas. [...] A segunda era antiga e legalizada, existindo desde 1945 e sendo familiar aos produtores de teatro, de cinema, aos músicos e a outros artistas.<sup>22</sup>

O que autor explica nesse trecho é que com a aplicação do regime censura será uma política constante durante o período do governo ditatorial. E que existia dois tipos de censura: a censura da imprensa e das diversões públicas, duas censuras diferentes. A censura da imprensa era uma propaganda política e mostrava tudo aquilo que exaltava o governo e o Brasil do futuro, já a censura da diversão pública era tudo aquilo que afetava a moral e os bons costumes da sociedade brasileira da época.

Se a imprensa foi afetada no decorrer da ditadura, antes do início do regime a imprensa foi uma aliada do golpe e disse ‘sim’ à tomada de poder. Podemos ver esse apoio em algumas capas de jornais da época e de estados diferentes, jornais do Rio Janeiro, de São Paulo, Pernambuco, Paraná e Ceará são exemplos.

Nas manchetes de jornais, é notório o apoio à intervenção militar que o Brasil estava sofrendo naquela época. No jornal Tribuna do Paraná, no dia dois de abril de 1964, trás uma fala do General Mourão Filho: ‘Jango tem planos ditatoriais’<sup>23</sup>. Mas será que era mesmo Goulart que tinha tais planos? Enfim, outras manchetes vangloriam a força do golpe e a fuga de João Goulart para o exterior: O Estado de S. Paulo, dois de abril de 1964: “Vitorioso o movimento democrático”<sup>24</sup>; Diário de

---

<sup>22</sup> FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 24 – 2004.

<sup>23</sup> REBELIÃO em Minas. **Tribuna do Paraná**, Paraná, 02 de abril de 1964. Pág. 01.

<sup>24</sup> VITORIOSO o movimento democrático. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 02 de abril de 1964. Pág. 01.

Pernambuco, dois de abril de 1964: “Jango sai de Brasília rumo a Porto Alegre ou exterior: posse de Mazzilli”.<sup>25</sup>

O governo de Ranieri Mazzilli dura pouco tempo, pois no dia 15 de abril de 1964 o general Castello Branco é eleito pelo Congresso Nacional e se torna o presidente do Brasil. Castello Branco garantiu que o golpe não teria características autoritária, ditatorial e centralizador, mas sua garantia não era por muito tempo, essa garantia seria apenas temporária.

O governo de Castelo Branco foi marcado por uma forte e violenta repressão, havendo também denúncias de torturas e esse modo era criticado por pessoas do próprio governo que temiam que isso gerasse uma imagem ruim do novo governo. O golpe foi se tornando uma ditadura aos poucos e medidas foram sendo tomadas: controle por parte dos partidos para eliminar seus filiados que fossem caracterizados pelo governo como ameaças; extinção dos partidos políticos e a criação dos Atos Institucionais foram umas medidas que foram tomadas. Com a criação dos Atos Institucionais (AI), foi ignorada a constituição brasileira e a democracia foi suspensa e a censura foi se tornando marca dessa política.

O AI-1 foi criado logo após a tomada de poder, criado em nove de abril do ano de 1964, ele dava totais poderes ao Presidente. Em outubro de 1965 foi estabelecido o AI-2 que dava continuação para as medidas autoritárias. Em fevereiro de 1966 foi lançado o AI-3 que estabelecia eleições diretas para o governo de cada estado, e cada governador indicaria o prefeito da capital do estado, só os outros cargos para prefeito das cidades do interior que teriam eleições populares.

Todos esses Atos Institucionais informadas em cima, foram realizados durante o governo de Castelo Branco, gerando uma forte oposição dentro das Forças Militares. Essa parte que era contra esse modo de conduzir, apoiou a candidatura de Costa e Silva, essa atitude serviu como resposta contra o governo de Castelo Branco.

No décimo mês do ano de 1966, foi eleito pelo Congresso Nacional como novo Presidente do país Arthur da Costa e Silva. No seu governo já começa a surgir um discurso de patriotismo que tanto ajudou o regime civil militar, com esse caráter nacionalista, diferente do governo anterior, quase nenhum dos seus novos ministros possuíam relações com os Estados Unidos.

---

<sup>25</sup> JANGO sai de Brasília rumo a Porto Alegre ou exterior: posse de Mazzilli. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 02 de abril de 1964. Pág. 01.

Surgia no horizonte uma promessa para as mudanças que foram prometidas na tomada de poder, pois o presidente trabalhava com uma nova política, mais conciliador ele procurava dialogar com mais setores da sociedade, mas a população não fazia parte dessa política, o presidente promoveu uma série de decretos e várias manifestações começaram a ocorrer. Em dezembro de 1966 foi lançado o quarto Ato Institucional, com foco de organizar uma nova Constituição nos moldes das promessas feitas pelos militares na era do golpe. E para controlar qualquer suposta “ameaça comunista”, a publicação do Ato Institucional de número 5 (AI-5), na data de 13 de dezembro de 1968, fez com que o governo assumisse um caráter ditatorial e recebesse todos os poderes e tirasse da população todos os seus direitos.

O Ato Institucional-5 foi importante para o endurecimento do regime e concedia ao Presidente plenos poderes como: julgar crimes políticos, cassar mandatos de parlamentares ou até o poder de fechar o Congresso Nacional. O AI-5 teve como principal consequência o fechamento do Congresso Nacional por um período de quase um ano, sendo aberto apenas para a posse de Médici.

Logo após a promulgação do Ato Institucional N5, começaram a surgir discursos pelos quais o governo usava para vender e alavancar o seu modo de governar o país, o suporte ideológico foi sustentado por meio desses discursos que qualificavam o governo. Também com o AI-5 houve uma procura insana que tinha objetivo o apanhamento daqueles que eram julgados de comunista pelo governo.

Com a implementação de todos estes Atos Institucionais, o governo conseguiu todas as liberdades e, com isso, passou a silenciar as vozes que eram contra a ditadura, além disso, massacrava tais pessoas, não só pessoas, mas movimentos também sofriam com os massacres.

Em 1969, Emílio Garrastazu Médici assume a presidência do Brasil, e tinha como meta social, valorizar o povo brasileiro para que o desenvolvimento nacional ocorresse em um clima de tranquilidade e ordem. A visão do novo Presidente era de transformar o país, e para que tal mudança ocorresse, ele queria contar com o apoio popular. Para que ele conseguisse tal apoio, seu governo usou discursos ufanistas que passavam a ideia de um país maravilhoso.

Entre os anos de 1969 e 1974, o Brasil viveu uma época de muita repressão por parte do governo, esse período foi conhecido com “anos de chumbo”. Mas não foi apenas de repressão que o Brasil viveu nesses anos de governo Médici, pois na parte econômica o Brasil viveu um bom momento, essa fase da economia ficou

conhecida como Milagre Econômico. Essa boa fase econômica vivida pelo Brasil, foi usada de forma veemente pelo governo do Presidente Médici como exemplo do sucesso da política implantada no país.

É no governo de Médici que encontramos o principal foco desse estudo: uso do futebol como formação da identidade nacional. A Copa do Mundo de 1970 foi uma ferramenta bastante utilizada pelo governo para aflorar o espírito nacionalista do povo brasileiro.

O governo de Médici se utilizou do campeonato mundial para achar uma *identidade nacional* no Brasil, [...]. Foi no futebol que ela foi encontrada, pois agora deixou de ser um esporte de elite e passou a ser uma prática que atingia todas as massas. O governo de 1970 utilizou o evento ocorrido no México para que a população tentasse esquecer o que estava acontecendo no país.<sup>26</sup>

A conquista da Copa do Mundo de 1970 seria um importante instrumento político para o governo, que utilizaria tal título como motivo para alavancar um regime nada democrático. Além do futebol, frases e músicas também serviram para aflorar o nacionalismo brasileiro. Segundo o autor Carlos Fico, os assessores militares criaram a AERP para ser uma agência de propaganda política, com isso a TV foi congestionada por da AERP “enaltecendo o amor, a participação, a crença no ‘Brasil potência’ etc. Porém ao contrário do que se poderia supor a AERP não contava com a simpatia da linha dura.”<sup>27</sup>

A Assessoria era vista como uma agência desimportante e seus filmes, como coisa supérflua. Para a linha dura, a mensagem que deveria ser passada a população não era a exaltação otimista do ‘Este é um país que pra frente’, mas outra, mais radical, como os discursos de arrependimento de militantes da luta armada feitos prisioneiros, transmitidos pela TV, ou o famoso *slogan* ‘Brasil: ame-o ou deixe-o’, iniciativas da polícia política que preferia afirmar-se pela força de uma ‘guerra psicológica’ e não pela propaganda educadora da AERP.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> AVILA, A.S. **Futebol em tempos de ditadura**: Correio do Povo e a Copa de 1970. 2013. 46f. TCC (Curso de História). Faculdade Porto Alegrense, Rio Grande do Sul. 2013.

<sup>27</sup> FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 24 – 2004.

<sup>28</sup> Idem.

Com essa ideologia da ala mais dura do governo, lemas e frases de incentivos e que eram usadas por crianças e adultos e mostradas em objetos que seriam visíveis para os demais. Diversas frases de incentivos foram criadas, por exemplo: “Brasil: ame-o” e “Quem não vive para servir ao Brasil, não serve para viver no Brasil”.

A partir de tais expressões, é possível pensar as maneiras como os discursos se conformam enquanto práticas sociais. Em *A ordem do discurso*, aula inaugural que Michel Foucault pronunciaria no Collège de France em 1970, este afirmaria que um discurso, apoiado por uma instituição, exerce um poder sobre outros discursos, uma vez que, sobre ele, o governo propagava suas vontades de verdade para a nação, conquistando, dessa maneira, o respeito e terror da população. Essa verdade espalhada para a população era apoiada sobre ‘um suporte institucional’<sup>29</sup>. Dessa maneira, com essa prática repressora, as horas de lazer da população eram fundamentais no processo arquitetado pelos militares. Um dos maiores divertimentos da população na época era o futebol e que foi usado como investimento político, investimento no sentido de usar a popularidade do futebol como aliado do governo militar. Assim, o futebol foi utilizado para fortalecer a ideologia do governo militar.

O futebol fez parte dessa política, principalmente na época da conquista do tricampeonato mundial de futebol em junho de 1970, no México. Com a conquista, o Brasil viu uma das maiores campanhas publicitárias e de grande alcance populacional de sua história. Também com essa política foram criadas músicas de incentivo, uma música que fez grande sucesso foi o hino “Pra frente Brasil”, criada para incentivar a seleção na Copa de 1970.

Além da ideia de identidade nacional, no sentido de patriotismo, o governo Médici teve outras marcas importantes. Outras marcas importantes que não se pode deixar de ser citada estão à censura e a tortura, que já tinham sido instaladas desde antes a sua posse e se tornaram mais fortes com o apoio do estado.

A tortura contra aqueles que eram contra o regime foi intensa e inúmeras pessoas jamais foram encontradas com a prática dessa política. A censura foi intensa aos órgãos de imprensa, nada que afetasse o regime era publicado em meios de comunicação. Mas ao mesmo tempo em que havia essa censura em meios de comunicação, se percebia um uso dos meios de comunicação por parte do

---

<sup>29</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

Estado para promover o regime, ou seja, o governo usava os meios de comunicação para mostrar para a população brasileira uma visão positiva do regime militar.

Órgãos de imprensa sofriam fiscalizações de forma intensa. Essas fiscalizações tinham como objetivo proibir todo tipo de conteúdo que denunciasse as arbitrariedades causadas pelo sistema ditatorial, pois os meios de comunicação eram usados para construir uma boa imagem do governo, passando para a população um governo que fazia o país crescer.

Na economia, o Brasil vivia uma grande fase, fase essa chamada de Milagre Econômico, que elevou o Brasil para o patamar das grandes economias mundiais, com taxas anuais de 10% de crescimento econômico, mas a grande parte da economia brasileira estava concentrada em uma pequena parte da população, pois a distribuição de renda quase não existiu.

Com a economia aparentemente em alta o governo levantou economicamente os aliados do regime e, paralelamente a isso, a grande maioria da população do Brasil não teve um ganho econômico. Devido à opressão por parte do governo, não houve manifestações significativas.

Essa suposta boa fase econômica também foi marcada pelas grandes obras públicas. Obras como a rodovia Transamazônica, a ponte Rio-Niterói e a Usina Hidrelétrica de Itaipu que passavam a imagem de um país que se modernizava. Mas, essas obras modernas eram fomentadas por empréstimos internacionais que alcançaram cifras gigantescas, aumentando assim a dívida externa do país.

Mostrado as principais características do governo Médici, iniciaremos a partir de agora uma pequena introdução sobre o tema deste trabalho: uso do futebol como formação da identidade nacional. Com o futebol brasileiro sendo usado como propaganda política, principalmente o futebol da Seleção brasileira, o governo consegue atingir um grande número de pessoas com seus discursos ufanistas, que fomentavam a nacionalidade de povo que sofria com as opressões impostas pelo regime.

Durante o governo do Presidente Médici, o futebol foi altamente explorado pelo seu governo, algo que o futebol nacional jamais viveu na área da política. Na conquista do tricampeonato mundial de futebol, ocorreu aqui no Brasil uma das maiores propagandas da história do país. O sucesso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970, no México, foi ligado ao crescimento econômico do Brasil.

Mas antes do título, aconteceram interferências no futebol da Seleção pelo presidente. O presidente Médici era um grande amante do futebol e usava seu lugar de poder político para sugerir, ou mesmo para interferir nos caminhos da Seleção. Sua influência era algo tão grande que, às vésperas da Copa do Mundo, tornou-se decisiva para a demissão do então técnico da seleção brasileira, João Saldanha. Segundo o autor Carlos Ferreira Vilarinho em seu livro 'Quem Derrubou João Saldanha', João Saldanha passou por um processo de saída mesmo com seu histórico vitorioso. O autor ainda afirma que ele era uma ameaça para o governo:

Era uma ameaça e mais: não se admitia que um militante do quilate do Saldanha voltasse com a Jules Rimet nas mãos, voltasse nos braços do povo. A vitória não poderia ser atribuída a um líder opositor, a uma figura inimiga do regime "nazista" que vigorava no Brasil.<sup>30</sup>

Existia uma grande preocupação com o futebol durante esse período. A preocupação era tamanha que os cargos da diretoria e cargos técnicos da CBD<sup>31</sup> eram passados para pessoas de patente militar. Com isso, se nota que o futebol está sob o comando dos militares. Jogadores da seleção também foram usados como algo relacionado para o fortalecimento daquele regime militar de Médici.

A expectativa e finalmente a vitória do tricampeonato foram à base para o desvio político da sociedade, o progresso do futebol se fundia ao do regime (auge do milagre econômico). Reconhecendo e aproveitando os efeitos do futebol que mascaravam a realidade drástica do período, o regime continuou investindo na sua aplicação.  
<sup>32</sup>

Futebol é algo que atrai os olhares dos mais poderosos e dos mais humildes, ou seja, o futebol é algo que está evidência em vários momentos e em quase todo lugar do mundo. No entanto, nem sempre foi assim, logo no início de sua prática aqui no Brasil, era um esporte elitizado e apenas na década de 1920 veio a ficar

---

<sup>30</sup> Entrevista realizada pela jornalista Ana Cláudia Barros do site *Terra* em 2010. Disponível em: [www.quemderruboujoaosaldanha.com.br/entrevista.pdf](http://www.quemderruboujoaosaldanha.com.br/entrevista.pdf) Acesso: 03 de março de 2014.

<sup>31</sup> Confederação Brasileira de Desportos. Extinta em 1979, dando lugar a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

<sup>32</sup> RIBEIRO. K.S. O processo civilizador e a interferência política no esporte: o uso do futebol como prática de lazer durante o regime militar brasileiro. *EFDeportes.com*. Revista digital. Buenos Aires, Ano 16, Nº 16, Janeiro de 2012. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd164/o-uso-do-futebol-durante-o-regime-militar.htm>. Acesso em: 03 mar. 2014.

popular com fim do amadorismo e o início do futebol profissional.<sup>33</sup> O futebol tem um poder enorme de influência, e neste trabalho vamos descobrir como essa influência era usada para beneficiar um regime opressor e que afundou o Brasil.

Observando um pouco sobre como funcionava o processo de afirmação do regime, vimos que o futebol foi uma peça fundamental nesse processo. O futebol serviu como propaganda para que o governo militar pudesse mostrar para a população que o sistema imposto pelo regime estava dando certo, ou seja, o sucesso da seleção brasileira serviu como desculpa para que o regime continuasse atuando no Brasil.

Frases, músicas, artistas e meios de comunicação serviram como caminhos para o percurso da propaganda do governo. A alienação que se via na população era graças à censura que estava implantada durante o governo do Presidente Médici. Algo que afetasse o governo era censurado, ou seja, a população só ficaria sabendo o que realmente era bom, das conquistas que o governo trazia para o país.

Usar futebol como propaganda foi uma boa ideia, aliás, eles estavam usando o esporte mais popular do país e os olhos de quase toda a população estavam voltados para esse esporte, com introdução da televisão nas casas dos brasileiros, daqueles que podiam comprar na época, claro.

No próximo capítulo veremos de forma mais profunda como se deu essa relação entre o futebol e a política do regime, quais foram os principais objetivos dessa união, entre outras características.

---

<sup>33</sup> SILVA, André Xavier. **HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL**: Uma análise a partir do materialismo histórico dialético. 2011. 57f. TCC (Curso de História). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

## Capítulo 2 – Noventa milhões em ação: a Copa de 1970 entre textos e imagens

Ao iniciar um estudo mais detalhado neste campo, me deparei com uma constante: o futebol é um assunto pouco estudado por historiadores e sociólogos. Tal assunto é aprofundado de forma mais firme e intensa por pessoas ‘entendedoras’ do assunto, como jornalistas esportivos, e por pessoas apaixonadas pelo esporte.

Devido à paixão por esse esporte, busquei conhecer uma de suas entranhas mais escuras: seu relacionamento com o governo. Sua relação com o governo sempre foi intensa, e durante o governo do presidente Médici ela foi elevada a um nível pouco visto na história brasileira. Durante esse momento histórico, considerado pela historiografia tradicional como o momento mais duro do regime civil-militar no Brasil,<sup>34</sup> o futebol foi usado como uma prática que tinha em seus lastros discursos capitaneados com o objetivo de aproximar-se das massas, bem como para evidenciar determinados valores da sociedade e, principalmente, fabricar uma identidade nacional forte.

A exploração do futebol atingiu seu ápice no ano de 1970, principalmente nos meses da realização da Copa do Mundo de Futebol, no México, com a Seleção Brasileira de Futebol. Era que o país vivia a tortura, a censura e matança desenfreada dos opositores ao regime e ao governo. ‘O caso da Copa de 1970 talvez seja o melhor meio para compreender até que ponto o futebol contamina as estruturas sociais e de poder no Brasil.’<sup>35</sup> Mas, para iniciarmos este estudo sobre a Copa de 1970, voltamos ao ano de 1969, ano inicial do governo Médici.

Entre fevereiro de 1969 e março de 1970, a Seleção brasileira de futebol tinha no comando técnico o jornalista João Saldanha. A contratação de Saldanha para o comando técnico da Seleção contrariou todas as expectativas, pois ele era militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Saldanha foi o técnico que classificou o país para a Copa de 1970, porém não foi técnico da inesquecível seleção que conquistou a Copa meses depois de sua saída do comando técnico.

---

<sup>34</sup> FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 24 – 2004.

<sup>35</sup> GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 1970**. Maio de 2006. 155f. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica, PUC de São Paulo, São Paulo. 2006.

A justificativa pela demissão do então técnico da Seleção na época foi baseada exclusivamente pela somatória de “erros” cometidos: peitar o presidente Médici, que queria que o jogador Dadá Maravilha fosse convocado para a Seleção; cogitar Pelé entre os reservas; e resultados ruins nos amistosos. João Saldanha era um comunista notório e sua demissão pode ter sido também por questões políticas, por ele ser comunista, os militares não aceitariam ter um comunista, crítico do regime, no comando da Seleção.

O *Jornal do Brasil* na data de 18 de março de 1970, dia da demissão de João Saldanha, noticia que o então técnico pretendia barrar o jogador Pelé do time titular acusando o jogador de estar mal tecnicamente e por sofrer de miopia. Realmente o jogar sofria dessa doença, pois ‘foi constatada realmente numa vista uma miopia, mas diminuta, tanto assim que o jogador não precisa nem usar óculos.’<sup>36</sup> Segundo Saldanha esse seria um motivo para sua demissão. No entanto, essa não foi a justificativa exposta pelo presidente da CBD, João Havelange. Segundo Havelange, a demissão de Saldanha foi feita pela justificativa que o presidente da Comissão Técnica da Seleção, Antônio do Passo, havia se demitido e, com isso, todos os membros da comissão técnica também saíram.<sup>37</sup>

Um dia antes do anúncio de sua demissão, Saldanha concedeu entrevista coletiva para os jornalistas depois do treino da Seleção. Perguntado se ele temia perder o cargo, ele respondeu que estava tranquilo quanto a isso e já que tinha uma boa relação com os jogadores e dirigentes da CBD, e sua demissão seria ‘problema de altos escalões.’<sup>38</sup>

No que parece em suas entrevistas, bem como nos posicionamentos noticiados pela imprensa, João Saldanha parecia ser um técnico que não aceitava interferências em seu trabalho na Seleção. Médici era um apaixonado pelo futebol! O Presidente queria usar a sua influência para interferir na escalação da Seleção Brasileira e, com isso, Médici queria ver escalado no time titular da Seleção o atacante do Atlético Mineiro, Clube de Minas Gerais, Dadá Maravilha<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Dr. Lídio Toledo, médico da Seleção em 1970, em entrevista ao *Jornal do Brasil* em 18 de março de 1970.

<sup>37</sup> SALDANHA é demitido e Passo escolhe seu substituto. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 de março de 1970.

<sup>38</sup> Idem.

<sup>39</sup> Dario José dos Santos nasceu no Rio de Janeiro e jogou por diversos clubes do futebol nacional. Nascido em quatro de março de 1946, Rio de Janeiro.

Inconformado com isso, João Saldanha declarou para a imprensa a seguinte frase: “O presidente escala o ministério dele que eu escalo o meu time!”.

Essa frase foi uma das suas últimas com técnico da Seleção Brasileira, pois ele seria demitido do cargo de técnico pouco tempo depois. João Saldanha afirmou em entrevista a TV Cultura que sua demissão foi uma punição em negativa as escalações que o presidente pedia pessoalmente ao técnico. Mario Jorge Lobo Zagallo foi contratado para repor a vaga de técnico da Seleção. Coincidência ou não, o jogador Dadá Maravilha foi um dos cinco jogadores convocados pelo técnico substituto de Saldanha, Zagallo, no dia seguinte da saída de Saldanha. Seria apenas uma mera coincidência a convocação do jogador após a saída de Saldanha? Dadá sabia que o General Médici é admirador de seu futebol e que faria ‘de tudo para não decepcionar o Presidente da República.’<sup>40</sup> Sobre as questões obscuras que envolveriam sua convocação, Dadá relata:

O presidente falou que eu tinha que ser convocado e mandou tirar o Saldanha. Quem me contou isso foi o João Havelange, então presidente da CBG. Aí o Havelange botou o Zagallo e ele disse: ‘eu conheço a fera, ele merece’. Eu fico triste em falar o que o presidente me convocou. Mas o presidente pedindo a convocação me ajudou muito, isso eu tenho que reconhecer. Médici descanse em paz.<sup>41</sup>

O motivo da demissão de Saldanha ia além das negativas que ele dava aos pedidos do presidente na escalação da Seleção. João Saldanha era filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), por esse motivo o técnico era temido pelo governo. O governo tinha o receio de o técnico chegar ao México com uma lista de presos políticos para serem divulgados durante as entrevistas coletivas, ou seja, o governo tinha medo que o técnico denunciasse as torturas que existiam no Brasil, pois a Copa do Mundo era vista por quase todo o Mundo. Mas na era de sua contratação o governo sabia de filiação no PCB! Então por que sua demissão teve como base esse motivo? Será que sua contratação já foi algo premeditado para

---

<sup>40</sup> DÁRIO se apresenta pela manhã à Seleção. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 de março de 1970. Pág. 21.

<sup>41</sup> SANTOS, Dário José dos. Dadá Maravilha explica influência da Ditadura Militar na convocação de 70: depoimento. Disponível em: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/dada-maravilha-explica-influencia-da-ditadura-militar-na-convocacao-de-70-100680.html>> Acessado em: 18 dez. 2014.

mostrar para a população que uma pessoa comunista não seria capaz de realizar tal função e provar que outra pessoa amiga do governo teria capacidade para isso?

João Saldanha era admirado pelos jogadores e a admiração era recíproca. Ele queria que os jogadores tomassem nenhuma atitude, já que, quaisquer atitudes seriam inúteis. O grau de influência do regime militar nas decisões da CBD era “total e absoluto”<sup>42</sup>.

João Saldanha foi vítima dessa relação forte que o governo mantinha com o esporte mais popular do país, o futebol. Em seu lugar foi contratado Mario Jorge Lobo Zagallo, que seria campeão da Copa do Mundo de Futebol de 1970. “Com a conquista do México, o Governo militar tratou, sempre com o apoio dos meios de comunicação de massas, de estreitar sua ligação com o produto futebol.”<sup>43</sup> Com a conquista também foi exaltada a disciplina militar, considerada como base para conquista da Seleção.

Mas essa suposta influência do governo na Seleção não parou por aí, pois o governo exigia um ambiente de tranquilidade para Seleção, “sem tensões permanentes, polêmicas, lutas internas e entredevoramentos.”<sup>44</sup> O que se percebe com todas essas notícias é que, após a saída de Saldanha, o governo começa a interferir na Seleção. Mais um exemplo disso é que “João Havelange comprometeu-se também a informar permanentemente o governo sobre todos os passos da Seleção daqui por diante, e escrever um relatório que será entregue ao coronel Jarbas Passarinho”. Na fala presente na referida matéria de jornal, fica visível o fato de que “o governo quer averiguar também as denúncias sobre corrupção no futebol, especialmente desvio de verba [...]”<sup>45</sup> A interferência do governo na Seleção era nítida, o que pode ser percebido na imagem abaixo, retirada do acervo do *Jornal do Brasil*, onde se mostra clara a pressão do governo brasileiro em torno dos destinos desta durante a Copa.

---

<sup>42</sup> Entrevista realizada pela jornalista Ana Cláudia Barros do site Terra em 2010. Disponível em: <<http://www.quemderruboujoaosaldanha.com.br/entrevista.pdf>> Acesso: 03 de março de 2014.

<sup>43</sup> ROCCO JUNIOR, ARY JOSÉ. “**Todos juntos vamos, pra frente Brasil**”: o futebol, os meios de comunicação, o público e o privado. XXVIII congresso brasileiro de ciências da comunicação, NP 18, Comunicação e Esporte.

<sup>44</sup> GOVERNO exige tranquilidade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 de março de 1970. Pág. 01.

<sup>45</sup> Idem.



[...] Médici atrelou sua imagem à seleção brasileira. Desde sua posse, a estratégia de popularidade desenvolvida pelo órgão responsável pela propaganda oficial era de quebra de hierarquia e o rompimento de desigualdades que o futebol poderia proporcionar. Isto se materializaria na imagem de Médici, que não só receberia e apoiaria a seleção, como também era um torcedor, o que faria dele um homem comum/igual.<sup>46</sup>

E essa ideia que Médici seria parte da torcida da Seleção seria reforçada pelos próprios jogadores, uma vez que a torcida do próprio presidente era encarada como estímulo para a seleção. Como relata um dos jogadores ao jornal *Folha de São Paulo*, “Quando jogamos, sentimos que, entre os milhões de torcedores que no acompanham, está o presidente, e isso é bom.”<sup>47</sup> A exemplo das posições adotadas pelo presidente, e de seu noticiado gosto pelo futebol brasileiro, no dia da conquista da Seleção, Médici mandou os torcedores entrarem para o Palácio, acontecimento que seria amplamente divulgado pela sua peculiaridade:

Ao término da partida, o presidente mandou que os torcedores que se encontravam na praça fronteira entrassem para o Palácio, e saiu para o meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Os torcedores o carregaram.<sup>48</sup>

Depois de ser posto no chão pelos torcedores, Médici fez, estimulados por estes, uma série de embaixadinhas. Um torcedor mais empolgado colocaria: “se o Zagalo soubesse, hein, presidente”.<sup>49</sup> Mas se o presidente fosse um jogador da Seleção, ele entraria no lugar de Pelé? Faria dupla de ataque com seu pupilo Dadá? Acho que entraria no lugar de Rivelino e armaria as jogadas para Pelé e Dadá. Ironias a parte, Médici justifica de forma firme a imagem de torcedor número 1 da Seleção e mostra que no país do futebol tri campeão mundial até o presidente tem habilidade com a bola.

Sua empolgação com a conquista poderia ser comparada com a de um torcedor comum. Esse episódio reforça a tese de que o presidente Médici fazia parte

---

<sup>46</sup> NASCIMENTO, Ingrid F. G.; MENDES, Bárbara G.; NAIFF, Denis G. M. ‘Salve a seleção’: ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol. **Psicologia e Saber Social**, p. 143-153, 2014.

<sup>47</sup> BRASIL continua “em casa” e o Uruguai protesta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 de junho de 1970. Pág. 26.

<sup>48</sup> MÉDICI participava do entusiasmo do povo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 de junho de 1970. Pág. 01.

<sup>49</sup> Idem.

da torcida brasileira e também ajudou para aumentar a sua popularidade. Essa conduta de Médici ajudou bastante o trabalho da AERP em tornar o presidente um homem popular.

Na sua mensagem após a conquista podemos ver isso forma clara:

Na hora em que a Seleção nacional de futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversário do mais alto valor, desejo que todos vejam, no presidente da República, um brasileiro igual a todos os Brasileiros.<sup>50</sup>



Acervo digital da Revista Veja – Julho de 1970.

Tanto através da mensagem do presidente quanto da imagem, veiculada pela revista *Veja*, pode-se perceber que houve uma enorme comoção nacional com a conquista da Seleção envolvendo toda a população que torceu e vibrou pela Seleção, torcedores e o ilustre torcedor, Presidente Médici. Ao ver a imagem do

---

<sup>50</sup> MÉDICI participava do entusiasmo do povo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 de junho de 1970. Pág. 01.

Presidente Médici com a bandeira nacional, pode-se notar que o Brasil, de fato, estava muito envolvido com Copa de 1970 e com a Seleção brasileira de futebol. Pessoas de todas as classes sociais, do mais humilde até o Presidente da República comemoram a vitória da Seleção. A imagem do Presidente torcedor mostra que a AERP fez bem o seu trabalho de propaganda.

A AERP não desejava passar a imagem de um presidente ditador e autoritário, mas sim a imagem de um Médici torcedor e apaixonado pelo futebol. Mostrar o presidente como um torcedor era um ponto estratégico da Acessória Especial de Relações Públicas, pois fomentava o sentimento de patriotismo na população. Ser o exemplo de patriotismo foi algo ajudou bastante no aumento de popularidade do presidente Médici.

Médici não tinha receio em mostrar uma imagem popular, pelo contrário, ele procura estabelecer 'a imagem do que seria a popularidade revolucionária.'<sup>51</sup> Outra ferramenta que serviu de aproximação da imagem do Presidente para os demais torcedores era sua cultura de adivinhação dos resultados dos jogos. Para o jogo da final o Presidente deu seu palpite e cravou resultado: Brasil 4 x 1 na Itália. Tentar acertar o placar é cultura de todo torcedor comum e, com certeza, essa prática ajudou a popularizar o Presidente. O futebol é o esporte favorito da maioria da população do Brasil, não seria o Presidente que ficaria fora dessa grande festa, já que, juntamente com a Seleção e o futebol brasileiro, Médici também saiu vencedor da Copa de 1970.

Essa propaganda deu resultado, na chegada da Seleção à Brasília, vinda da conquista da Copa, o Presidente foi aplaudido por 70 mil pessoas 'que estavam concentradas desde cedo na Praça dos Três Poderes. [...] Nunca um presidente revolucionário foi tão aplaudido pelo povo da capital.'<sup>52</sup> Para muitas pessoas que ali estavam, estava sendo iniciada a festa do tricampeonato, 'mas para alguns colaboradores diretos da Presidência os aplausos tinham outro significado: surgia naquele momento uma evidente demonstração de simpatia popular ao governo.'<sup>53</sup> Esses aplausos consagraram o trabalho da AERP em torna o Presidente popular e esses aplausos de 70 mil pessoas traziam consigo outro significado: 'o povo reconhecia e aceitava como cabeça e símbolo da imensa e exaltada torcida em que

---

<sup>51</sup> A IMAGEM do sucesso. **Revista Veja**, São Paulo, Ed. 95, Pág. 20, 1 de julho de 1970.

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Idem.

o país inteiro havia-se transformado. ‘<sup>54</sup> Todo esse empenho da AERP mostrou outro lado do Presidente, saía o político e entrava o torcedor Médici, como em uma substituição de um jogo de futebol.

Mas existiam pessoas que habilitam essa popularidade de Médici a uma estabilidade financeira que o país atravessava na época e outro fator ‘considerado influente na formação da imagem do General Médici junto ao povo é a definição permanente de sua força e de suas fraquezas. ‘<sup>55</sup>

A Copa de 1970 pode ser apontada como a maior exploração política do futebol no Brasil, pois a cada vitória da Seleção havia uma aclamação popular que dava o sentido da legitimação do regime. Em todo o país, vários políticos usaram da conquista e ‘ligeiramente surpreendidos pela extensão da euforia que tomou conta de quase toda nação, eles procuraram interpretações particulares para a vitória e, na medida do possível, tentaram enquadrá-la em seus objetivos. ‘<sup>56</sup> O Governador do estado do Rio Grande do Sul, recepcionou o lateral da Seleção com status de defensor do regime:

Vocês (os jogadores tricampeões), com esta vitória, devem ter influência no espírito de quantos, a serviço de causas malsãs, procuraram enxergar no Brasil um país que não é uma democracia, mas ditadura. Mas quem quiser ver que isto não é uma ditadura, é uma democracia, que venha às ruas de todos os Estados brasileiros e veja como o povo livremente se manifesta.<sup>57</sup>

A conquista proporcionou uma enorme comemoração em todo o país. Desde cidades importantes, como Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, até cidades pequenas a comemoração foi do mesmo nível. A euforia foi por todo o país e com a participação de pessoas de classes sociais.

Pelo fato de algumas partidas serem disputas sob o sol de meio-dia para atender exigências de TV, a propaganda ganhou força e invadiu espaços que não podiam ser alcançados por outros meios de comunicação. As propagandas da Seleção de Futebol eram introduzidas por meio da marchinha “Todos juntos vamos, pra frente Brasil” tocava em diversos lugares e transmitida pela TV, rádio e até nos desfiles militares, e por meio de frases que serviam como slogans do governo para a

---

<sup>54</sup> A IMAGEM do sucesso. **Revista Veja**, São Paulo, Ed. 95, Pág. 20, 1 de julho de 1970.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Idem.

fase que o país vivia. Frases como “Brasil, ame-o ou deixe-o” e “Ninguém mais segura este país” foram bastante usadas como propaganda de governo nos meios de comunicação e de apoio à manutenção do regime. Os meios de comunicação serviam como instrumentos de difusão de discursos para a população em relação à situação que o país vivia, o que se mostra através do jingle que moveria uma ampla parcela da população em torno da Copa:

Noventa milhões em ação,  
 Pra frente Brasil, do meu coração.  
 Todos juntos vamos,  
 Pra frente Brasil, salve a Seleção!  
 De repente é aquele corrente pra frente,  
 Parece que todo Brasil deu a mão.  
 Todos ligados na mesma Emoção,  
 Tudo em um só Coração!  
 Todos juntos vamos,  
 Pra frente Brasil, Brasil.  
 Salve a seleção!<sup>58</sup>

Essa marchinha “transformou-se na música oficial do governo”<sup>59</sup> e virou símbolo com a vitória da Seleção e demonstra, claramente, em sua letra a relação entre o país e a Seleção e também a uma imagem de um Brasil forte e grande. O patriotismo que se viveu no país durante a Copa de 1970 (e que até hoje existe em época de Copa do Mundo) serviu como pretexto para o Estado atribuir a boa fase do futebol da Seleção ao desenvolvimento estabelecido pelo regime. Vendo que o futebol era uma ótima propaganda de governo e um belo meio de mascarar a realidade do país, o governo investiu ainda mais no futebol como propaganda.

Com essa música o governo queria introduzir um discurso de verdade em relação à prática de governo do regime. E segundo Foucault, uma vontade verdade, implica em certa forma relacionar aquilo que é dito como verdade e a subjetividade ligada a este dizer reforça e esclarece o conteúdo do que foi dito pelo filósofo acerca do discurso e da subjetividade.

O governo queria colocar em prática sua ideologia na população, pois se preocupava com a formação da opinião pública. Com isso, utilizou da ajuda da área da comunicação para atingir seu objetivo e ter uma imagem positiva e a

---

<sup>58</sup> Canção composta por Miguel Gustavo para inspirar a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970

<sup>59</sup> GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito do original *El Fútbol a sol y sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

comunicação com a população seria de fundamental importância para garantir a realização dessa tarefa e aumentar o poder do governo. Uma agência de comunicação teve trabalho fundamental na ajuda ao governo, criada em 15 de janeiro de 1968 com o objetivo de centralizar os órgãos governamentais de propaganda, a AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas) teve papel importante nessa propagação governista, pois essa agência era responsável pela propaganda favorável ao governo e a conquista do tricampeonato mundial, no México, foi usada de forma intensa como propaganda de governo. Já que naquele momento existia uma euforia entre a população e 'a AERP soube explorar e canalizar este clima para suas produções, intensificando campanhas publicitárias que incentivavam o civilismo, o nacionalismo e os "bons costumes"'.<sup>60</sup>

As propagandas feitas pela AERP tinham características ufanistas e procuravam estabelecer uma relação entre a população e o governo, além de construir uma imagem vencedora do governo. Para atingir os objetivos traçados com essas propagandas, era essencial para o governo mostrar para a população que a mesma era peça fundamental na construção e desenvolvimento de um país. Tais propagandas traziam a justificativa das políticas do regime, ou seja, mostravam que para ser um país forte, desenvolvido e com futuro promissor o regime teria que continuar e incentivar esse ufanismo na população. Com esses discursos, a AERP trabalhava também na intenção de 'hibernar o sentimento de revolta da sociedade com padrões culturais simbólicos.'<sup>61</sup>

Nas propagandas militares era notória a exaltação do amor à pátria, portanto, quem fosse contra ao conteúdo dessas propagandas estaria espalhando a discórdia na sociedade. Esse era o raciocínio das campanhas feitas pela AERP, elas tentavam anular todo discurso que fosse da oposição e, com isso, anular os discursos dos opositores 'em prol da perpetuação de um discurso hegemônico e dominante daquele contexto: o discurso do governo militar. [...] Portanto, pode-se classificar a AERP como um Aparelho Ideológico de Estado de Informação.'<sup>62</sup> A

---

<sup>60</sup> NETTO, David A. Castro. **O IPES/IBAD, a AERP e a propaganda durante os anos de 1961-1974.** *Revista Rascunho Culturais*, Coxim/MS, V. 2, N. 3, p. 169-181, 2011.

<sup>61</sup> NAVES, Laura Maria. **O Papel da Aerp na Construção da Identidade Nacional:** Análise das Propagandas Políticas Durante o Governo Médici. Universidade de Brasília.

<sup>62</sup> GONÇALVES, Alana S.; ALMEIDA, Bárbara T. P. de; OLIVEIRA, Jéssica D. L. de. **A Comunicação Institucional do Governo Militar:** A Assessoria Especial de Relações Públicas e a Revista Manchete. XII Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Paraná, 2011.

propaganda política e a censura, juntos, serviram para chefiar os discursos elaborados pela AERP.

Responsável pela propaganda do regime, a AERP não teve dificuldade alguma em mostrar a importância da Copa de 1970 para o governo e de mostrar que ela poderia ser usada de forma benéfica em favor do regime. A Copa junto com o bom momento da economia nacional da época dava justificativa para o discurso oficial. Com a propaganda, os militares tinham uma palavra de união e levavam até a população.

A AERP não utilizava apenas frases, textos, músicas e filmes como instrumentos, ela também utilizava as imagens. O chefe da AERP durante o governo Médici, Coronel Octavio Costa, acreditava que a imagem teria um poder mais forte do que o verbal. E um veículo de comunicação bastante usado e muito importante nesse trabalho foi a TV.

Para o Coronel o objetivo do uso desse instrumento seria para conquistar canais que permitissem ao povo compreender e acompanhar toda ação do governo. Filmes que seriam exibidos na TV e nos cinemas, faziam parte dessa orientação.

Essa atividade, segundo seus idealizadores, não deve ser encarada como propaganda convencional e sim como uma tentativa de criação de um clima de otimismo. Nesse espírito, dizem, procura-se informar sobre as realizações do governo, colaborando com a educação moral e cívica do povo e, sobretudo dos jovens.<sup>63</sup>

A TV também ajuda na ‘adesão da classe média ao futebol [...] quando se verifica que os jogos repercutiam intensamente não apenas no Brasil, mas em todos os países onde houve a transmissão direta.’<sup>64</sup> A TV ajudou o futebol a adquirir ainda uma importância ainda maior para a população brasileira, devido a sua popularização e foi um instrumento que tinha a tarefa de divulgar “significados para a prática do futebol que traziam como novidade sua estreita associação às políticas do governo civil-militar”.<sup>65</sup> Com isso, se percebe que a TV foi uma grande aliada do governo como instrumento de integração nacional. Após a conquista da Copa do Mundo de 1970, essa interação poder-futebol se tornaria mais evidente.

---

<sup>63</sup> A IMAGEM do sucesso. **Revista Veja**, São Paulo, Ed. 95, Pág. 22, 1 de julho de 1970.

<sup>64</sup> Idem.

<sup>65</sup> SCHATZ, Patrícia Volk. **A Estatização do futebol: da Copa do Mundo de 1970 a Mini-Copa de 1972**. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade do Estado de Santa Catarina - Centro de Ciências Humanas e da Educação. Curso de História. Florianópolis, 2012.

Com a conquista do México, o Governo militar tratou, sempre com o apoio dos meios de comunicação de massas, de estreitar sua ligação com o produto futebol. Em 1971, com mais uma demonstração da interação poder-futebol, foi criado, para promover a integração nacional, o primeiro Campeonato Brasileiro. Paralelamente, estádios suntuosos eram inaugurados em todo o país. Era a época do Milagre Brasileiro e do “Pra frente Brasil”, composta por Miguel Gustavo para inspirar a seleção durante a Copa do México. Tudo mostrado ao país pela televisão.<sup>66</sup>

Com a conquista da Seleção o regime civil-militar instalado no Brasil atingia seu ápice junto com o selecionado do país. Seu ápice vinha com as torturas, censura, prisões e matança dos seus opositores. A relação entre o futebol e o governo ficava cada vez mais estreita. Foram criadas iniciativas para mostrar que essa relação estava forte e segura. Em 1970 o governo criou a loteria esportiva para arrecadar recursos para o governo e também para contribuir para a manifestação ideológica do esporte mais popular do país, o futebol. A loteria esportiva foi criada em 1970, inicialmente em fase de teste entre os meses de abril e junho e lançada de forma oficial durante a Copa.

Por meio da CBD foi criado o primeiro campeonato brasileiro em 1971, naquela ocasião participaram vinte times na competição. Para comemorar o 150º aniversário da emancipação política do país, em 1972 o governo militar organizou uma competição de futebol chamada de Taça da Independência. O governo patrocinou uma mini copa mundial de futebol, organizou amistosos para a seleção nos anos de 1971, 1973 e em 1974.

Foram construídos trinta estádios entre 1972 e 1975, fora os demais construídos durante o período, fato que auxiliava na popularidade do governo, servia para promoção a cargos políticos e expressava o ideal de desenvolvimento e progresso do discurso político entre os militares.<sup>67</sup>

O futebol foi um elemento importante para a criação de identidade nacional que o governo militar se propôs a desenvolver no país. Por esse motivo houve um

---

<sup>66</sup> ROCCO JUNIOR, ARY JOSÉ. “**Todos juntos vamos, pra frente Brasil**”: o futebol, os meios de comunicação, o público e o privado. XXVIII congresso brasileiro de ciências da comunicação, NP 18, Comunicação e Esporte.

<sup>67</sup> RIBEIRO. K.S. **O processo civilizador e a interferência política no esporte**: o uso do futebol como prática de lazer durante o regime militar brasileiro. EFDeportes.com. Revista digital. Buenos Aires, Ano 16, Nº 16, Janeiro de 2012. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd164/o-uso-do-futebol-durante-o-regime-militar.htm>. Acesso em: 03 mar. 2014

investimento grande por parte do governo, o uso do futebol como propaganda de governo militar serviu para que o regime fosse alavancado e servisse como exemplo de sucesso da política imposta no país pelos militares.

A conquista da Copa de 1970, no México, contribuiu de uma forma imensa na construção de uma imagem de um país forte, harmonioso e de um potencial gigantesco além de ter um significado no âmbito econômico e político como exemplo de capacidade que o país tem em cumprir os planos de crescimento propostos pelos militares.

Os slogans criados durante o governo Médici eram frases de ordem que contribuíram para a construção desse imaginário, já que todos unidos levariam o país 'pra frente'.

### Capítulo 3 – O poder e a bola: política e futebol em perspectiva

No Brasil, o futebol assumiu contornos diferenciados e parece ser o movimento social com efetivo poder aglutinador, pois se tornou mais forte que as religiões, os partidos políticos ou até o próprio matrimônio.<sup>68</sup>

O futebol, esporte que gera sentimentos na grande maioria da população mundial, encontraria no Brasil espaço onde, historicamente, tais sentimentos ganhariam extensão mais profunda, gerando emoções muito diversas, sendo visto por muitos como um esporte que “se resume em paixão nacional”<sup>69</sup>. Se manifestaria, no Brasil, como algo tão forte que expressaria sensações próximas de um ideal de sacralização. Chegando em terras brasileiras como um esporte de elite, o futebol se popularizaria no Brasil, e, como já foi visto no capítulo anterior, passaria a ser utilizado como um dispositivo para a construção de um ideal de ufanismo no interior do regime civil-militar instaurado logo após o golpe de 1964.

Apesar da grande importância da Copa de 1970 para a concretização dos objetivos do governo, o uso de forma política do futebol não ficou restrito apenas ao período da Copa e nem apenas da Seleção. A conquista da Seleção determinou novas diretrizes para o futebol e faziam parte do Plano de Integração Nacional do Presidente Médici. Esse projeto desenvolvimentista do governo buscava modernizar a sociedade brasileira “e o futebol se apresenta como um dos elementos capazes de auxiliar a execução segura desse projeto e colaborar na construção dessa identidade nacional”.<sup>70</sup>

Diversos trabalhos de propaganda foram feitos para relacionar não apenas o regime como também a imagem do Presidente Médici com a Seleção brasileira como a ida do Presidente Médici aos estádios de futebol durante os jogos, a criação de uma Mini-Copa em 1972 com algumas das mais tradicionais seleções do mundo e a construção de Estádios de futebol nas principais regiões do país. Com a conquista da Copa os frutos desse empenho, feito de forma inteligente pela AERP,

<sup>68</sup> KOCH, Rodrigo. Apontamentos das lutas de poder na trajetória política do futebol brasileiro. **UnilaSalle**, Canoas, n.23, ago. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo> Acessado em: 18 de dez de 2014.

<sup>69</sup> SCHATZ, Patrícia Volk. **A Estatização do futebol**: da Copa do Mundo de 1970 a Mini-Copa de 1972. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade do Estado de Santa Catarina - Centro de Ciências Humanas e da Educação. Curso de História. Florianópolis, 2012.

<sup>70</sup> ROCCO JUNIOR, ARY JOSÉ. “**Todos juntos vamos, pra frente Brasil**”: o futebol, os meios de comunicação, o público e o privado. XXVIII congresso brasileiro de ciências da comunicação, NP 18, Comunicação e Esporte.

foram colhidos e a imagem de um Brasil forte, de um Brasil potente foi mostrado e absorvido pela maioria da população do país. O futebol, logo após a conquista do tricampeonato, passou ser um dos pilares da ideologia do governo e também foi a consagração do governo. Sendo assim, o futebol era na verdade “escudo político no Brasil, um motivo de orgulho nacional, apesar dos problemas internos”.<sup>71</sup>

Diante desses problemas, surgiram mudanças logo após a Copa do México no futebol interno do país. No ano de 1971 foi realizado o primeiro Campeonato Nacional de futebol e assim o futebol ultrapassou as fronteiras locais e se tornando um produto benéfico para o governo. O órgão responsável pela realização do Campeonato foi a CBF, antiga CBD:

A CBD se transformou em Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no final dos anos de 1970 e passaria a cuidar dos interesses da modalidade mais popular do país. Foi criado o Campeonato Brasileiro de Futebol, a partir de 1971, com a participação dos principais clubes de norte a sul do Brasil.<sup>72</sup>

A participação de times de todas as regiões do país tinha como objetivo agradar políticos do país inteiro e construir relações políticas. Além do mais, o modo como cada time era escolhido para participar do Campeonato não era externado pela CFB de forma muito clara, a escolha dos times se dava mais por questão de amizade, expressando uma relação indissociável entre os meios público e privado<sup>73</sup>. Resultado desse modo de escolha uma frase se tornou popular: “Aonde a Arena vai mal, mais um time no Nacional. Aonde a Arena vai bem, mais um time também”.

Em sua primeira edição contaria com 20 times de oito estados, “sendo quatro do Nordeste, treze do Sudeste e três do Sul, excluindo totalmente as regiões Centro-Oeste e Norte do evento futebolístico”<sup>74</sup>, mas em um país enorme e com dimensões continentais a realização de um campeonato com 20 times deixaria muita

---

<sup>71</sup> FERREIRA, Robson P. **Futebol é coisa séria: uma análise midiática, sociológica e política do esporte**. 2014. f. 58. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2014.

<sup>72</sup> KOCH, Rodrigo. Apontamentos das lutas de poder na trajetória política do futebol brasileiro. **UnilaSalle**, Canoas, n.23, ago. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo> Acessado em: 18 de dez de 2014.

<sup>73</sup> Essa relação é trabalhada na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Ver: **HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>74</sup> SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Urnas e nos gramados** – as eleições e o Campeonato Brasileiro durante a Ditadura Civil – Militar. In. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, n 27, 2011, São Paulo.

insatisfação, principalmente por parte dos políticos ligados ao partido Arena. No ano seguinte, já houve mudanças em relação ao número de times que participariam da competição, mais seis times foram inscritos, mas a região Centro-Oeste continuaria sem representantes. Em 1973 o número de times participantes era o dobro da primeira edição, 40 times, pois no ano de 1973 a segunda divisão nacional é extinta pela CBD.

Com um país com dimensões continentais um problema surgiu: o custeio das viagens. Esse problema foi resolvido pelo governo, que financiou as viagens dos times que participavam do Campeonato mais suas estadias. A criação do Campeonato Brasileiro foi o primeiro passo para o processo de integração promovido pelo governo.

A criação do torneio também ajudaria João Havelange a conseguir um enorme objetivo, que era o de ser Presidente da FIFA, órgão máximo do futebol mundial. Havelange já contava com o apoio das federações sul-americanas de futebol e não queria perder o cargo por desagradar o governo, governo que já tinha interferido na preparação da Copa de 1970. Dessa maneira, Havelange se encontrava numa situação política delicada, não podendo desagradar também os presidentes das federações estaduais. O número de representantes da região Nordeste aumentaria, assim como o número de representantes do estado de Minas Gerais. E as regalias não paravam por aí:

E, para felicidade de todas as federações, os campeonatos regionais controlados por elas seriam prioritários no calendário, com duas datas até agosto, deixando o Nacional com pouco mais de três meses de duração.<sup>75</sup>

Com tantos times disputando o Campeonato outra medida de usar esse esporte em benefício do governo teve como consequência outra medida: construção de estádios de futebol. No espaço de três anos, 1972 a 1975, estádios gigantescos foram construídos com verbas públicas e com incentivo dos militares, constatando-se que o futebol e a política estavam ligados. A construção desses estádios fazia parte de mostrar um clima de modernidade, da força econômica que o país estava

---

<sup>75</sup> SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e Política**: a criação do campeonato nacional de clubes de futebol. 2012. 148 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2012.

vivendo com o ‘milagre econômico’, além de fazerem parte da ideia de integração nacional.

Durante a Ditadura Militar (1964 – 1985), ‘foram construídos ou ampliados consideravelmente 52 estádios [...], 32 deles durante a década de 1970’<sup>76</sup> como pode ser visto na imagem:

Estádio	Cidade	Ano de inauguração	Estádio	Cidade	Ano de inauguração
Palma Travassos	Ribeirão Preto-SP	1964	Almeidão	João Pessoa-PB	1975
Mineirão	Belo Horizonte-MG	1965	Alfredo Jaconi	Caxias-RS	1975
Barão de Serra Negra	Piracicaba-SP	1965	Amigão	Campina Grande-PB	1975
Lomantão	Vitória da Conquista-BA	1966	Serra Dourada	Golânia-GO	1975
Abreução	Marília-SP	1967	Verdão	Cuiabá-MT	1976
Santa Cruz	Ribeirão Preto-SP	1968	Índio Condá	Chapecó-SC	1976
Rei Pelé	Maceió-AL	1968	Centenário	Caxias-RS	1976
Vila Euclides	São Bernardo-SP	1968	Estádio do Café	Londrina-PR	1976
Beira-Rio	Porto Alegre-RS	1969	Willie Davids	Maringá-PR	1976*
Batistão	Aracaju-SE	1969	JK	Itumbiara-GO	1976
Vermelhão da Serra	Passo Fundo-RS	1969	Bezerrão	Gama-DF	1977
Morumbi	São Paulo-SP	1970*	Décio Vitta	Americana-SP	1977
Colosso da Lagoa	Erechim-RS	1970	Limeirão	Limeira-SP	1977
Martins Pereira	São José dos Campos-SP	1970	Mangueirão	Belém-PA	1978
Lanchão	Franca-SP	1970	Walter Ribeiro	Sorocaba-SP	1978
Vivaldão	Manaus-AM	1970	Serejão	Taguatinga-DF	1978
Romeirão	Juazeiro do Norte-CE	1970	Pituaçu	Salvador-BA	1979
Moreirão	Campo Grande-MS	1971	Lacerdão	Caruaru-PE	1980
Presidente Médici	Itabaiana-SE	1971	Romildão	Mogi Mirim-SP	1981
Arruda	Recife-PE	1972	Moacyrzão	Macaé-RJ	1982
Uberabão	Uberaba-MG	1972	Olimpico Regional	Cascavel-PR	1982
Machadão	Natal-RN	1972	Castelão	São Luís-MA	1982
Albertão	Teresina-PI	1973	Prudentão	Presidente Prudente-SP	1982
Castelão	Fortaleza-CE	1973	Ipatingão	Ipatinga-MG	1982
Jauzão	Jauú-SP	1973	Parque do Sabiá	Uberlândia-MG	1982
Mané Garrincha	Brasília-DF	1974	Kleber Andrade	Cariacica-ES	1983

\* Estádios inaugurados antes da Ditadura Militar

Outra medida tomada pelo governo para usar o futebol foi a criação da Loteria Esportiva, criada ainda no de 1970. A Loteria teve uma fase de teste vivenciada entre os meses de abril e junho, sendo lançada de forma oficial durante a realização da Copa do Mundo. Instrumento de divulgação e popularização do futebol, ela despertou um enorme interesse dos apostadores e causando um alvoroço nas casas lotéricas.

Ao tratar da Loteria Esportiva, Daniel de Araújo dos Santos aponta seu sucesso: Filas enormes eram formadas pelos apostadores, “até mesmo a falta de

<sup>76</sup> STEIN, Leandro. **Ditadura**: da criação do Brasileirão aos elefantes brancos, como o futebol entrou no Plano de Integração Nacional. *Trivela*. Disponível em: < <http://trivela.uol.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elefantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2015.

cupons para atender o público, com casas lotéricas fechando as portas um dia antes do prazo final para o encerramento das apostas”<sup>77</sup>



Acervo digital da Revista Veja – Agosto de 1970.

Tal como é possível perceber na imagem, que mostra o enorme contingente de pessoas na fila de uma casa lotérica no Estado da Guanabara, a enorme procura para apostar na Loteria Esportiva era a prova do sucesso fulminante e foi uma surpresa, segundo relato de Aurélio Castelo Branco, superintendente da Administração do Serviço da Loteria Federal:

[...] não esperava instalar mais de seiscentos postos de vendas de boletos da Guanabara, a semana tinha começado com um número talvez razoável de candidatos, 1.096, mas se encerrou com o assustador total de 4.269.<sup>78</sup>

Realmente, esse sucesso estrondoso foi uma surpresa, que, no entanto, já era sinalizada pela amplitude que ganhava o futebol perante uma ampla parcela da

---

<sup>77</sup> SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e Política**: a criação do campeonato nacional de clubes de futebol. 2012. 148 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2012.

<sup>78</sup> O JOGO do futebol: Loteria Esportiva, sucesso antes de começar. **Revista Veja**, São Paulo, Ed. 100, Pág. 48, 05 de agosto de 1970.

sociedade brasileira do período. Um grande contingente da população demonstra interesse de apostar, interesse que era potencializado em discursos que apontam que ele ia “desde o presidente da República, o Ministro da Fazenda e o governador do Estado, até o varredor de rua”.<sup>79</sup> A Loteria Esportiva procurava conciliar o futebol com a sorte, assim os apostadores teriam uma chance de ascensão social.

Além do fenômeno da Loteria Esportiva, a relação entre o futebol e a política no Brasil se manifestaria de outras maneiras. Exemplo de outra tentativa do governo ditatorial brasileiro de utilizar o futebol como dispositivo de poder, no ano de 1972, o governo patrocinaria diversos tipos de eventos em comemoração pelos 150 anos da Proclamação da Independência, ocorrida em 1822. O futebol, lógico, não poderia ficar de fora dessas comemorações e em virtude disso foi o governo organizou juntamente com a CBD um torneio entre seleções, Taça Independência do Brasil, mais conhecida popularmente como Mini Copa. Esse torneio tinha o mesmo objetivo do Campeonato Brasileiro: integração nacional. E para que houvesse essa integração o torneio foi “acompanhada pelos brasileiros em todas as regiões do país, como parte das comemorações cívicas pela independência”.<sup>80</sup> E para que o torneio atingisse um nível de visibilidade satisfatória a ideia seria que:

[...] participasse todas as Seleções campeãs do Mundo [...] somadas a mais 15 Seleções de relevância internacional. Além das Seleções de importância internacional participaram do torneio times nacionais, somando 20 selecionados.<sup>81</sup>

Esse projeto, no entanto, não lograria êxito, uma vez que seleções que conquistaram a Copa do Mundo, tais como Itália, Inglaterra e Alemanha, não aceitaram o convite para participarem. Mesmo o torneio tendo uma grande projeção, também não houve a participação de clubes brasileiros. Na primeira fase da competição não houve uma grande aceitação da população, resultando em uma baixa média de público nos estádios, resultado inesperado pelo governo, mas justificativa encontrada era que devido a ausência da Seleção do Brasil na primeira

---

<sup>79</sup> O JOGO do futebol: Loteria Esportiva, sucesso antes de começar. **Revista Veja**, São Paulo, Ed. 100, Pág. 48, 05 de agosto de 1970.

<sup>80</sup> SCHATZ, Patrícia Volk. **A Estatização do futebol**: da Copa do Mundo de 1970 a Mini-Copa de 1972. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade do Estado de Santa Catarina - Centro de Ciências Humanas e da Educação. Curso de História. Florianópolis, 2012.

<sup>81</sup> Idem.

fase do torneio público não iria comparecer de forma satisfatória. Apenas na sua segunda fase, com a participação do Brasil, é que o público teria um número expressivo.

O Brasil ganharia o torneio e com a conquista houve uma repetição do que ocorreu durante a Copa de 1970: a participação entusiasmada do Presidente Médici. Continuando o processo em tornar o Presidente em um homem comum e torcedor da Seleção. “Novamente é a presença do discurso nacionalista personificado no homem do povo, afeito ao futebol, uma das expressões populares mais importantes do país”.<sup>82</sup> As repetições não paravam apenas no trabalho da imagem do presidente Médici, também na parte musical houve esse trabalho de relembrar a Copa de 1970. Na Copa do México a canção “Pra frente Brasil” foi usada fortemente como propaganda pelo governo. Outra canção também foi trabalhada exaustivamente durante a realização da Mini Copa no ano de 1972. Nas linhas dessa canção há também a mostra de um Brasil forte e unido. Se alguém tinha dúvida de que o futebol pudesse dá todo esse lucro ao governo, tirou toda sua dúvida durante a realização da Mini Copa.

Marco extraordinário  
O Sesquicentenário da Independência!  
Potência de amor e paz  
Este Brasil faz coisas  
Que ninguém imagina que faz.  
É Dom Pedro I  
É Dom Pedro do grito  
Esse grito de glória  
Que a cor da história à vitória nos traz  
Na mistura das raças  
Na esperança que uniu  
No imenso continente nossa gente, Brasil.

Sesquicentenário  
E vamos mais e mais  
Na festa, do amor e da paz.<sup>83</sup>

A Mini Copa chegava ao fim, e a conquista da Seleção foi mais uma nova conquista do governo, mas aquele parecia o suspiro final dessa fase próspera da

---

<sup>82</sup> SCHATZ, Patrícia Volk. **A Estatização do futebol**: da Copa do Mundo de 1970 a Mini-Copa de 1972. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade do Estado de Santa Catarina - Centro de Ciências Humanas e da Educação. Curso de História. Florianópolis, 2012.

<sup>83</sup> Hino do Sesquicentenário da Independência. Autoria: Miguel Gustavo. Disponível em: <<http://www.letras.com.br/#/miguel-gustavo/hino-do-sesquicentenario-da-independencia>>. Acessado em: 22 de dezembro de 2014.

Seleção, que voltaria apenas no ano de 1994 com a conquista do Tetracampeonato da Seleção na Copa dos Estados Unidos.

Todo esse investimento no futebol teve um grande aliado, o chamado “milagre econômico”, período em que a economia brasileira era veiculada, através dos veículos de mídia, como crescendo de forma acelerada rumo ao sucesso. E o governo Médici soube aproveitar essas condições econômicas de forma satisfatória e durante o seu governo, Médici teve seu governo aprovado “na ordem de 82%”.<sup>84</sup>

Durante os anos de 1970 e 1972, o futebol foi um dos cargos chefes do governo Médici e teve feitos marcantes como a conquista da Copa de 1970, o início do Campeonato Brasileiro, a realização da Mini Copa além da criação da Loteria Esportiva, com participação do futebol de forma indireta. Esse novo modo de gerir o futebol foi enfraquecendo com o passar dos anos, não sendo diferente com o regime civil-militar. Os resultados negativos dentro de campo da Seleção eram reflexos do fracasso dos clubes em competições internacionais. O regime passa a ser contestado por “seu excessivo e crescente autoritarismo marcado por censura e opressão. [...] A sociedade começava a clamar por mudanças no âmbito esportivo e sócio – político da nação.”<sup>85</sup>

No ano de 1974, o General Ernesto Geisel toma posse como sucessor do General Médici na Presidência do Brasil e, com a derrota da Seleção Brasileira na Copa do Mundo daquele ano, havendo uma diminuição por parte do Governo no futebol como propaganda política.

---

<sup>84</sup> SCHATZ, Patrícia Volk. A Estatização do futebol: da Copa do Mundo de 1970 a Mini-Copa de 1972. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade do Estado de Santa Catarina - Centro de Ciências Humanas e da Educação. Curso de História. Florianópolis, 2012.

<sup>85</sup> KOCH, Rodrigo. **Apontamentos das lutas de poder na trajetória política do futebol brasileiro.** *Unilasalle*, Canoas, n.23, ago. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo> Acessado em: 18 de dez de 2014.

## Considerações Finais

Durante a escrita deste trabalho a minha intenção foi construir uma narrativa que problematizasse a relação do governo do Presidente Médici (1969-1970) com o futebol. A conquista da Copa de 1970, a criação do Campeonato Brasileiro no ano de 1971 e uma série de outras políticas de desenvolvimento do futebol no país serviram para o governo como parte do Programa de Integração Nacional, cujo objetivo era estabelecer, através de práticas discursivas e não-discursivas, uma relação com o povo, a fim de instrumentalizar a ideia de um governo forte e ativo no sentido de construção de um sentimento nacional.

Todas as conquistas que o futebol nacional auferiria, ao longo desse período, eram tomadas como oportunidades pelo regime civil-militar para associar sua imagem a de um país forte, potente e vitorioso, uma vez que esse discurso buscava suplantar, no imaginário e no cotidiano brasileiro, a imagem do governo ditatorial. Durante as conquistas é notório ver o Presidente como um torcedor e assim construir uma imagem popular do Presidente.

Observando um pouco sobre como funcionava o processo de afirmação do regime, vimos que o futebol se constituiu como uma peça fundamental nesse processo. O futebol serviu como propaganda para que o governo militar pudesse mostrar para a população que o sistema imposto pelo regime estava dando certo, ou seja, o sucesso da seleção brasileira serviu como desculpa para que o regime continuasse atuando no Brasil. Frases, músicas, artistas e meios de comunicação serviram como caminhos para o percurso da propaganda do governo. Através dos instrumentos de censura e do controle dos meios de comunicação, o governo civil-militar conseguiu instituir, através do futebol, o ufanismo enquanto uma vontade de verdade em ampla parcela da sociedade brasileira do período.

## REFERÊNCIAS

### Bibliográficas:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Para que serve a história?** Recife: Mimeo. Palestra proferida em Curso de Pós-graduação da UFPE em 23.01.2001.

ALMEIDA, M. H. T. de; WEIS, L. Carro-Zero e Pau-de-Arara: O Cotidiano da Oposição de Classe Média ao Regime Militar In: SCHWARCZ, Lilia Moritz.(Org.). **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

AVILA, A.S. **Futebol em tempos de ditadura:** Correio do Povo e a Copa de 1970. 2013. 46f. TCC (Curso de História). Faculdade Porto Alegrense, Rio Grande do Sul. 2013.

FERREIRA, Robson P. **Futebol é coisa séria:** uma análise midiática, sociológica e política do esporte. 2014. f. 58. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Departamento de Artes e Humanidades, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2014.

FERREIRA, Jorge. **1964:** o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, vol. 24 – 2004.

FOUCALUT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo, Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade.** I. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra.** Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito do original El Fútbol a sol y sombra. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GONÇALVES, Alana S.; ALMEIDA, Bárbara T. P. de; OLIVEIRA, Jéssica D. L. de. A Comunicação Institucional do Governo Militar: A Assessoria Especial de Relações Públicas e a Revista Manchete. **XII Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul.** Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Paraná, 2011.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** o caso da Copa de 1970. Maio de 2006. 155f. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica, PUC de São Paulo, São Paulo. 2006.

HOBSBAWN, Eric J. **A era dos extremos:** o breve século XX. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KOCH, Rodrigo. Apontamentos das lutas de poder na trajetória política do futebol brasileiro. **UnilaSalle**, Canoas, n.23, ago. 2013.

NASCIMENTO, Ingrid F. G.; MENDES, Bárbara G.; NAIFF, Denis G. M. 'Salve a seleção': ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol. **Psicologia e Saber Social**, p. 143-153, 2014.

NAVES, Laura Maria. **O Papel da Aerp na Construção da Identidade Nacional: Análise das Propagandas Políticas Durante o Governo Médici**. Universidade de Brasília.

NETTO, David A. Castro. O IPES/IBAD, a AERP e a propaganda durante os anos de 1961-1974. **Revista Rascunho Culturais**, Coxim/MS, V. 2, N. 3, p. 169-181, 2011.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. **A cruzada antivermelha – democracia, Deus e terra contra a força comunista**: representações, apropriações e práticas anticomunistas no Piauí da década de 1960. 2008. 274f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

RIBEIRO. K.S. **O processo civilizador e a interferência política no esporte**: o uso do futebol como prática de lazer durante o regime militar brasileiro. EFDportes.com. Revista digital. Buenos Aires, Ano 16, Nº 16, Janeiro de 2012.

REIS FILHO, Daniel Aarão; SÁ, Jair Ferreira de. **Imagens da Revolução**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois**. São Paulo: Edusc, 2004.

REIS FILHO, Daniel Aarão. "O sol sem peneira". **Revista de História**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, agosto de 2012.

RIBEIRO. K.S. **O processo civilizador e a interferência política no esporte**: o uso do futebol como prática de lazer durante o regime militar brasileiro. EFDportes.com. Revista digital. Buenos Aires, Ano 16, Nº 16, Janeiro de 2012.

ROCCO JUNIOR, ARY JOSÉ. "Todos juntos vamos, pra frente Brasil": o futebol, os meios de comunicação, o público e o privado. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, NP 18, Comunicação e Esporte.

SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e Política**: a criação do campeonato nacional de clubes de futebol. 2012. 148 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2012.

SCHATZ, Patrícia Volk. **A Estatização do futebol**: da Copa do Mundo de 1970 a Mini-Copa de 1972. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade do Estado de Santa Catarina - Centro de Ciências Humanas e da Educação. Curso de História. Florianópolis, 2012.

SILVA, André Xavier. **História do futebol no Brasil**: Uma análise a partir do materialismo histórico dialético. 2011. 57f. TCC (Curso de História). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UnB, 2008.

### **Hemerográficas:**

Diário de Pernambuco

Estado de São Paulo

Jornal Folha de São Paulo.

Jornal do Brasil.

Revista Veja

Tribuna do Paraná

### **Sites:**

<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/dada-maravilha-explica-influencia-da-ditadura-militar-na-convocacao-de-70-100680.html>.

<http://www.efdeportes.com/efd164/o-uso-do-futebol-durante-o-regime-militar.htm>

<http://www.letras.com.br/#!miguel-gustavo/hino-do-sesquicentenario-da-independencia>

<http://www.quemderruboujoaosaldanha.com.br/entrevista.pdf>

<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo>



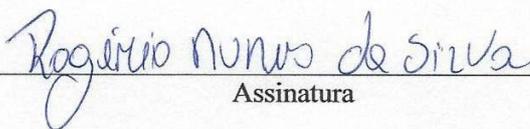
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- Tese
- Dissertação
- Monografia
- Artigo

Eu, **ROGÉRIO NUNES DA SILVA**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **“PRA FRENTE BRASIL, SALVE A SELEÇÃO”: o Brasil e os discursos em torno da Copa do Mundo de 1970** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 09 de novembro de 2015.

  
Assinatura